

Entre a rigidez e o descompromisso

“Expresso Caracol”, da Cia. dos Pés, é espetáculo que nos conduz com uma graça circular e constante

Por Leidson Ferraz

Crítico convidado

Como não se encantar com um enorme caracol que se movimenta numa praça cheia de crianças e adultos loucos por vê-lo deslizar com tanta desenvoltura pelo ambiente? Eis aqui a cena inicial do espetáculo concebido para todos os espaços, “Expresso Caracol”, da Cia. dos Pés, de São José do Rio Preto/SP, incluído na programação do FIT Rio Preto 2025. Tudo ocorreu na Praça Dom José Marcondes, bem ao centro da cidade, com o público rindo a valer com as peripécias narradas ou vividas pelo condutor-palhaço do enorme “veículo-molusco”, uma inventiva cenografia móvel, tipo de vagão na forma espiralar do casco de um caracol, com 2,20 por 1,80 metros e 120 quilos, concebida por Kesler Jamal Contiero, escondido durante toda a apresentação como o próprio miolo do bichano. “Trata-se de uma estrutura metálica revestida de junco sintético, sem nada de automático, tudo traquitana”, explicou o cenógrafo-criador.

Para além de ser transporte terrestre, o Expresso Caracol é também palco-camarim para a dupla de artistas que chega nele para apresentar um espetáculo. O grande destaque é o atrapalhado mestre de cerimônias, um palhaço em ritmo acelerado vivido pelo ator Daniel Neves, que, além do enorme carisma, é certeiro nas suas intervenções junto ao público, sabendo lidar muito bem com os imprevistos (flagrantemente sinceros), e atraindo a atenção dos olhares mesmo quando está apenas em contracena. Ele vai pontuando as três exibições da bailarina russa de nome risível, personagem de Gisela Zeghini, que se faz de grande estrela de humor variável, em trechos de “O Lago dos Cisnes”, “La Bayadère” e “Don Quixote”. Ambos os artistas foram afastados dos seus palcos de origem e resolveram unir forças para continuar exercendo o ofício que sabem fazer (“como raça difícil que são”, diria o palhaço sem papas na língua).

É através desse dançar que a montagem presta uma grande homenagem ao poder encantatório do balé clássico, sem descuidar do humor ingênuo e físico que pode vir atrelado a ele. Portanto, da rigidez dos passos surge o descompromisso lúdico que a palhaçaria permite. Unindo figuras ícones de qualquer picadeiro, o palhaço e a bailarina, a dramaturga e diretora da obra, Angélica Zignani, quis valorizar o jogo de interação possível entre essas duas personagens, destacando ainda o seu amor ao dançar e às músicas clássicas de seu repertório, para além da ótima trilha circense e instrumental que permeia todo o espetáculo. “Na mescla de linguagens, o movimento é nossa principal investigação”, confessou, emendando com uma pergunta que procura acertar em cheio o seu alvo: “Você se divertiu?”. Muito, foi a minha resposta.

Repleta de miudezas que cativam desde a entrada triunfal, a montagem faz todo mundo rir com as mímicas, malabares e acrobacias do palhaço-apresentador, também técnico dos bastidores; o seu descontrole em manipular vários objetos - inclusive pondo o celular de uma espectadora em risco divertidíssimo - e surpreendendo pela inventividade de usos e novidades junto ao palco-camarim-transporte, quase com vida própria ao teimar em não funcionar como deveria. “Expresso Caracol” é uma obra atemporal que será bem-vinda em qualquer lugar, pois convoca o público a participar cheio de expectativas e sorrisos no rosto o tempo todo, além de nos dar a certeza de que o palco ambulante continuará sendo fundamental para levar a beleza, a alegria e a magia das artes cênicas para sempre. E com um dado imprescindível: o elemento surpresa.

Julho/2025